

Com fibras do coração,
Banza, quem t'incordoára!
Veria chorar então
Olhos verdes numa cara.

Com amores m'amofino,
Tenho um amor cada mez:
E' este o triste destino
D'um coração portuguez.

Não foi pelo que choraram
Que uns olhos adoecêram;
Deus castigou-os: pagaram
Os males que me fizeram.

Eu se o meu fado cantar
Sineiro m'hei de fazer:
P'ra todo o póvo chorar
Quando o meu fado souber.

P'ra a costa d'Africa alguém
Meu coração degradou.
Se de lá voltar, já nem
Sabe quem agora sou!

Das coisas que tem de ser
Ai! nunca ninguém se ria!
Que lhe pôde acontecer
O mesmo que a mim, um dia...

Vão-se os rapazes formando,
Vão-se embora, não vem mais;
Depois todos vão casando
E vós solteiras ficaes!

Dia d'amanhã, futuro,
Que m'os importa saber?
Leva-me a sorte seguro
E seja o que Deus quizer!

Não sei o que hei de pedir-te,
Tu que estás sempre a cantar!
Cálas-te: e eu quero ouvir-te,
Cantas: não posso estudar.

Vae á torre d'uma igreja
Lá quando m'eu fôr, meu bem,
P'ra que partindo te veja,
P'ra ainda tẽ vêr d'alem...

Adeus rio, choupos, serra,
Adeus tudo, tudo, enfim!
Raparigas d'esta terra,
Lembrae-vos por cá de mim.

Cantemos, na despedida,
P'ra onde nos leva a sorte,
O fado da nossa vida,
O fado da nossa morte!

Publicado por iniciativa de Augusto Gil
e de Affonso Lopes-Vieira.



A Antonio Lino Netto
A H N I F / 02 / 02
Livraria de Coimbra

CANTIGAS

para o Fado e para as "Fogueiras"
do San João,

POR

ESTUDANTES DE COIMBRA



PREÇO, 10 RÉIS.

Editado pela Livraria França Amado, em Coimbra,
no anno de 1899; reservando-se todos os direitos
de reproducção.

De Augusto Gil (Coimbra, 1897)

Guitarras subi, subi...
Tão alto cantarei eu
Que me oiçam pedir por ti
Os anjos que estão no céu.

Teus olhos, contas escuras,
São duas ave-marias
D'um rosário d'amarguras
Que eu reso todos os dias.

Se queres que eu te não queira
Pede a Deus p'ra que me chame;
Pois, nem Deus, d'outra maneira
Consegue que te não ame.

Que mata o sonho do amor
Diz uma trova p'ra ahi.
Eu passo muito melhor
Desde que gosto de ti.

Amas a Nosso Senhor
Que morreu por toda a gente,
E a mim não me tens amor
Que morro por ti somente!

Resume-se a coisa pouca
Toda a minha aspiração:
Poder dar á tua bocca
Os meus beijos e o meu pão.

O teu olhar desleal
Corações queima por gosto.
Vou chamal-o ao tribunal
Por crime de fogo posto.

Cantae mais devagarinho
Rapazes, ao seu postigo.
Não sei porquê, adivinho
Que está sonhando commigo...

Dizem que ella envelheceu,
Mas p'ra mim é sempre linda,

Que ha soes já mortos no céu
E a gente vê-os ainda...

O tempo corre de leve
E fogem leves as penas,
Tendo as tuas mãos de neve
Entre as minhas mãos morenas.

Dizes que é desegual
Este amor. Nunca o supuz!
Mas olha: a sombra, afinal
É um effeito da luz.

Raparigas tomae tento,
Cachópas não vos fieis.
Cantigas leva-as o vento,
Cartas d'amor, são papeis.

Olhos negros de veludo
Heis de fazer-me doutor.
Sois os meus livros d'estudo
Na faculdade do amor.

Livros que a todos prefiro
Que leio constantemente.
Por elles — quando te miro
E de cór — se estás ausente.

De certo os anjos do céu
Não teem azas de plumas.
Que os teus hombros vio-os eu,
Não havia lá nenhuma.

Nosso Senhor nasceria
Da tua carne, meu bem,
Se quando a Virgem Maria
Já fosses viva, também.

Mais alta a voz se me afoite.
A magua dos dias meus,
Oiçam-n'a os astros da noite,
Suba aos ouvidos de Deus.

De Teixeira de Pascoaes (Coimbra, 1898)

Vinde todas raparigas
(Vós sabeis adivinhar!)
Dizer nas vossas cantigas
Quem na terra me hade amar!

D'entre as moças uma existe
Das outras bem differente:
Se ellas riem anda triste
E sempre longe da gente...

Sepulturas de desejos
São teus labios ideaes,
Onde vão chorar os beijos
Mal empregados nas mais...

Amar é ter um desejo
De sol-por, de luz d'aurora...
Amar é a parte do beijo
Que se não beija, mas chora.

A saudade é um perfume
Que me põe triste e sem falla...
Ouvi! ouvi! meu queixume...
— Trazei-me a flor que o exala!

O que irá n'uma donzella
Sósinha, a considerar...
E' aquillo que eu sinto ao vê-la?
Pois também fico a seismar...

Oh Maria das Alminhas,
Quem te deu tão lindo nome?
As almas entrevadinhas
Que uma certa dôr consome...

Teu cantarinho é pesado
Quando o trazes cheio d'agua...
Teu rosto deixa molhado
A fingir que sentes magua...

Quando repito em meus ais
Maria, todos os dias,

Mudo como vós mudaes,
E' que sois todas Marias...

Os vossos peitos são montes
Que ninguém pôde trepar...
E que bellos horizontes
Ai! d'alli se hão de avistar!

Oh fresquinhas raparigas,
Vossos frescos corações
Andam ébrios de cantigas
Pelo amor, aos tropeções!

Marias da minha aldeia,
Todas vós sabeis urdir
D'um certo linho uma teia
Onde todos vão cahir!

O rio da minha aldeia
Tem n'um album, com recato,
Retratos da lua cheia
E o meu primeiro retrato!

Ai, de quem se for mirar
No meu rio enamorado...
O seu rosto hade deixar
Nas suas aguas gravado!...

Cantae-me as vossas cantigas
Junto ao rio a murmurar...
Mas, baixinho, raparigas...
Deixae-o também cantar...

A vossa voz afinae
Pelo murmúrio do rio...
Assim suave cantae
N'um extranho desafio!...

Adeus! Adeus! Vou-me embora!
Adeus! Ficae a cantar!
O Poeta quer a Aurora
E vós gostaes do Luar!...

De Antonio Macieira (Coimbra, 1898).

Coimbra, toda em descantes,
E' uma guitarra a chorar;
São as cordas as amantes
O trovador é o luar.

Poz Amor no coração
Das tricanas tal egeira,
Que juncto á fonte da Feira
Nasceu um lindo chorão.

Vou de noute para os campos
Illusões desenrolar;
Como luz de pyrilampos
Nascem, tornam-se a apagar.

Deu-me quebranto nos olhos
Quando te estava a escrever;
Talvez fosse aviso santo
Para este amor esquecer.

Disse-me Coimbra ao ouvido
Pela bocca do luar:
Não deixes, toma sentido,
Minhas tricanas chorar.

P'ra vêr Coimbra subia
A' Torre, a todas as horas,

Ver somente conseguia
A casita onde tu moras.

Andam teus olhos perdidos,
Dizes, de tanto chorar...
Pois eu perdi os sentidos
De os andar a procurar.

Se beijos abraços são
Que as almas ligam — direi:
Quero livre o coração,
Volve-me quantos te dei.

Puz-me a contar pelos dedos
As vezes que te fallei,
Só elles sabem segredos
Que eu sabia e já não sei.

Se beijas as lavandeiras
Mondego porque dás ais?
Não creio n'essas canceiras
Quando choras é por mais...

Lançai cantigas ao vento...
Gargantas vá d'afinar!
Chega a voz ao firmamento
Que os astros poem-se a cantar!...

De Alberto Pinheiro (Coimbra, 1897).

O' Senhora da Bonança
A quem eu rezo a chorar,
Olhae p'lo meu conversado
Que anda sobre aguas do mar.

Um cyrio da minha altura
Será para o vosso andor:
Arderá de noite e dia,
Olhae pelo meu amor.

Dos meus anneis o mais lindo
Vos darei quando voltar,
E em vossa capella branca
Com elle me irei casar.

Do linho p'ra o enxoval
Que ando a tecer e a dobar,
Fina toalha farei
Senhõra, para o vosso altar.

Tres voltas á vossa ermida
Hemos de dar de joelhos,
Vossos romeiros seremos
Mesmo quando formos velhos.

Quando o mar estiver bravo
Vossa mão a abençoar

O vosso olhar sobre as aguas,
E as aguas hão de parar.

Vosso afilhado será
O filho que me heis de dar,
Olhae p'lo meu conversado
Que anda sobre aguas do mar.

De Humberto de Bettencourt (Coimbra, 1898)

Bailae, bailae raparigas,
Na noite do S. João:
Dou-vos com lindas cantigas
Fogueira — o meu coração.

Nunca se espante ninguém
Com este meu ar tão triste:
Quem ama só penas tem,
Ninguém ao amor resiste.

Perdido todo o juizo,
Ia morrendo d'amores:
Pôde mais um teu sorriso
Que a sciencia dos doutores.

Por vezes em noite escura
Vejo uma aurora a brilhar:

Sonho n'um céu de ventura
A luz do teu lindo olhar.

Triste de mim vou buscando
O que sei que não consigo:
Vêr o teu peito mais brando
Tirar-me d'este castigo.

Alegria e f'licidade,
Com ellas já não me illudo:
Vi-as um dia — é verdade —
Mas vi-as por um canudo.

Já os astros esmorecem,
O' moças do meu logar,
No sonho as penas esquecem,
Cantae, fazei-me sonhar!

De Pereira Barata

Quando alguém se vê afflicto,
Chama por Nosso Senhor;
Disse o teu nome bendito,
Foi-se a magua e foi-se a dôr.

P'ra que te canças, Maria,
A sachar o dia inteiro?
Um dia segue outro dia
E não ganhas mais dinheiro.

Nem melhor torrão trataste
Que o coração que maldizes;
Um olhar que lhe deitaste,
Logo lá creou raizes.

— Lindo nome! Alguma Fada
Que t'o poz? Quem t'o poria?
— Baptisou-me a Madrugada,
Foi madrinha a cotovia.

No rio chorei meu pranto,
Muitas lagrimas cahiram,
E a agua doeu-se tanto,
Que outras lagrimas subiram.

Não tenho de ti reserva
Pelo mal em que me deixas.
Por mais que se pise a herva,
Nunca á herva se ouvem queixas.

E' tão verdade; Maria,
Que és para o meu coração,

Que o teu nome principia
Na palma da minha mão.

Chegavas tu á janella
E a lua que era só meia,
Mal olhaste para ella
Mudou-se na lua cheia.

Quando eu as tomo nas minhas,
As tuas mãos sem defeito
Lembram duas andorinhas
Juntinhas no ninho feito.

De Guedes Teixeira

Pedi ao ceu as estrellas
P'ra vér se me dava ou não,
Com a luz que existe n'ellas,
A altura a que ellas estão.

Que importa p'ra o meu ciuime
Que outra mulher me beijasse?
Passei seu beijo p'lo lume:
E' mais um p'ra a tua face.

Deus, que nos vê lá de cima,
Alma d'esta alma, Querida,
Juntou-nos: somos a rima
Da linda quadra da vida.

A tua bocca é tão bella!
Se m'a deixasses beijar,
Faria d'ella uma estrella
Que apagaria as do ar.

Melhor que amar só conheço
(Eu vou-t'o já confessar;

Mas dá-me um beijo, que é o preço.
Obrigado.) não amar.

Tuas lindas mãos me tomem
O meu coração a arder;
Ergue o amor ao ceu o homem
E baixa á terra a mulher.

Não é o amor—quem o sonda?—
Tal como o rio a passar...
O amor é como a onda,
Foje mas torna a voltar.

Põe no meu peito a tua mão
Para que Deus me não mate:
Ai! bate-me o coração;
Até o pobre me bate!

Não chores mais, minha Amiga,
E' preciso reparar;
Pranto com pranto não liga,
Ri tu que eu fico a chorar!

De Affonso Lopes-Vieira (Coimbra, 1896-97-98).

Ó meu salgueirinho em flôr
A abanar com o vento, assim...

Pareces o meu amor
Dizendo-me adeus a mim:

Por ti perdi o socêgo
E dizes p'ra te deixar!
Dize ás aguas do Mondego
Que não corram para o mar.

Lavadeiras são Marias
De Jesus, da Conceição.
Faltei ás aulas tres dias...
Culpa teve-a o coração.

Quando de ti passo perto
Finjo não ver, não olhar.
Mas vaes-te: e fico deserto
Por outra vez te encontrar.

Ó campainhas de *Santo*
Antonio dos Oliveas!
Ninguém sente tanto, tanto:
Tocam-lhe, põem-se aos ais.

Vou-me embora com tristeza,
Com tristeza sempre vou:
Que ninguem tem a certeza
De voltar ao que deixou.

Deu-me uma flôr o meu bem
Que tinha um verso leal:
Dizia que o amor yem
Sem que a gente dê por tal.

Não ponhas a roupa ahi
Pró sol a seccar; tem pena!
Olha o que elle te fez a ti:
Fôste branca, e és morena.

Pouco tempo dura a rosa,
Pouco dura o bem-me-quer.
Quem nasceu desafortunosa
Sem fortuna ha de viver.

Vaes-te: e o meu coração fica
Que se o visses, tinhas dó.
Ai! não haver na botica
Remedio p'ra quem está só!

Santo Antonio de Lisboa
E' santo casamenteiro;
Vamos resar-lhe uma c'rôa
A vér quem casa primeiro.

Corpinho alto, que eu
Comparo a uma saudade!
O corpo que Deus te deu
Tem 20 annos d'idade.

O San João da Figueira
E' o mais lindo que ha;
Dançemos nessa fogueira,
Até o mar dansa lá!

No meu lenço quero pôr
Seis letras que um nome são,
Para as trazer com amor
Pertinho do coração.

Já quiz a quem me não quiz,
Amei quem me desamou:
E neste pouco se diz
Tudo que um homem penou.

Os outros que te roubaram,
Nobre Nação, Portugal!
Inda um pouco te deixaram:
O coração, por teu mal.

No fado tem-se mais gôsto
Que em outras coisas se tem;
Depois de ter-se um desgosto
E' que elle nos calha bem.

Bem como a lua e o mar
Teu coração tem marés:
Ora choras, por meu mal,
Ora ris quando me vês.

Dancemos danças de roda,
Batei palmas, cantae, vá!
Nunca passe isto de moda
Porque melhor não na ha.